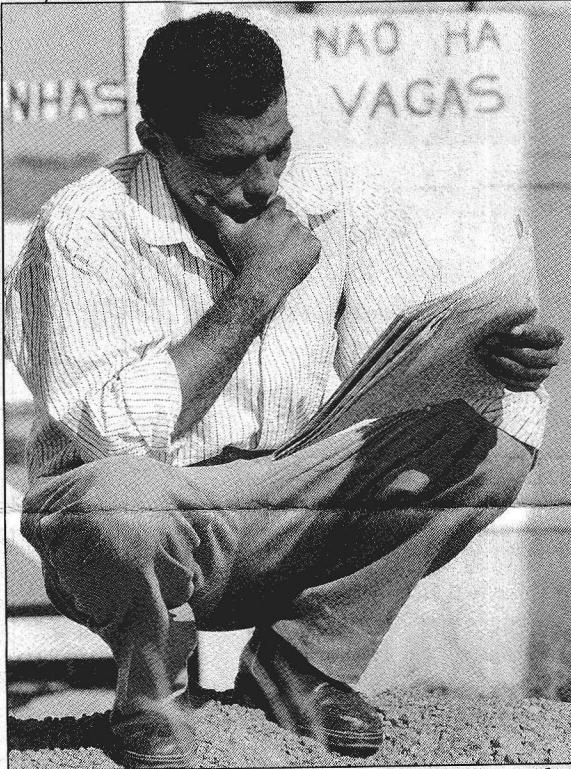


AS PREVISÕES E OS FATOS

Luis Tajes 20.5.99



Taxa de desemprego do IBGE foi de 7,7% em novembro

INFLAÇÃO

Em janeiro, quando houve a desvalorização do real, a maior parte dos economistas e dos bancos previu o caos para o país, com a volta firme e forte da inflação. No caso do IGP-DI, por exemplo, que corrige a maior parte das receitas públicas, o banco Lehman Brothers alardeou que o índice chegaria a 85%. O economista Carlos Kawall, do Citibank, foi um pouco menos pessimista e projetou um IGP-DI de 35%. Nos próximos dias, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) deverá divulgar um IGP-DI próximo de 20%. As previsões também foram equivocadas em relação aos índices de preços ao consumidor. Para Dany Rappaport, economista-chefe do banco espanhol Santander, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ficaria em 11,5%. Todos os indicadores apontam que o IPCA do ano passado, que será divulgado nos próximos dias, ficará próximo de 8,9%.

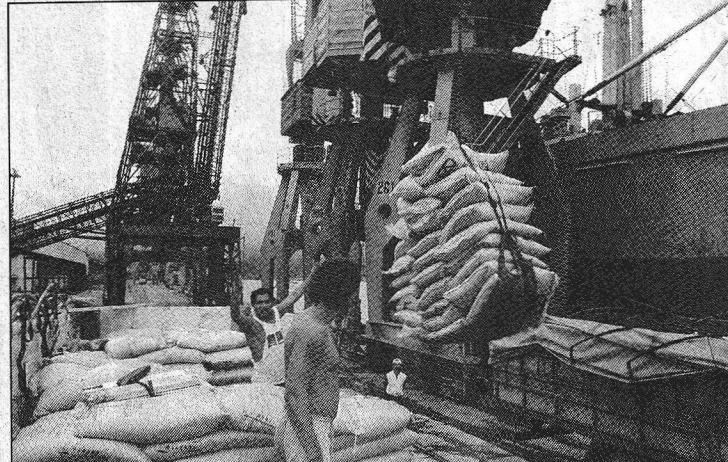
INVESTIMENTOS

Em meio às desalentadoras previsões para 1999, poucos acreditavam na possibilidade de o Brasil continuar atraindo o dinheiro dos investidores estrangeiros. Nem mesmo o governo se arriscou a fazer projeções mais otimistas, temendo ser contestado depois. No acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), as estimativas eram de que o país receberia investimentos diretos (para o setor produtivo) de US\$ 18,8 bilhões. O economista-chefe do Banco Bilbao Viscaya, Octávio de Barros, afirmou que o dinheiro vindo de fora ficaria em, no máximo, US\$ 14,7 bilhões. O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, foi um pouco mais ousado e chegou a falar, pouco depois de sua posse, em março, em investimentos diretos de US\$ 23 bilhões. No final das contas, o saldo dos investimentos diretos foi de US\$ 29 bilhões, ou US\$ 4,5 bilhões a mais do que os US\$ 24,5 bilhões registrados em 1998.

DESEMPREGO

Em outubro de 1998, ainda como ministro do Trabalho, Edward Amadeo, hoje secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, dizia que o desemprego cairia ao longo de 1999 para algo entre 6% e 6,5% da População Economicamente Ativa (PEA). Os índices medidos pelo IBGE mostraram, no entanto, a resistência do desemprego em se manter próximo de 8%. Os dados divulgados pelo IBGE servem, também, para jogar por terra o terrorismo feito por uma série de economistas, de que, com a desvalorização do real e a recessão na qual o país iria mergulhar, o desemprego bateria todos os recordes. O economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, chegou a falar em desemprego de 11,4%. O JP Morgan projetou taxa de 11,5%. O BankBoston, cravou 11%. O último índice divulgado pelo IBGE, em novembro, apontava desemprego de 7,7%.

Marcos Fernandes 8.2.95



Exportações decepcionam e o déficit comercial atinge US\$ 1,3 bilhão

BALANÇA COMERCIAL

Assim que o Banco Central adotou o regime de livre flutuação do câmbio, no dia 15 de janeiro de 1999, os defensores desse regime saíram com o discurso de que, finalmente, o Brasil deslancharia como potência exportadora. O maior pregador dessa idéia foi o deputado Delfim Netto (PPB-SP). Mesmo antes da mudança cambial, no entanto, o governo apostava no crescimento das exportações. No acordo fechado com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em novembro de 1998, previu um superávit na balança comercial de US\$ 11 bilhões. Errou feio. José Márcio Camargo, da Consultoria Tendências, projetou superávit de US\$ 7 bilhões. Em março, o então presidente da Associação Brasileira de Comércio Exterior (AEB) e hoje ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, falava em um saldo comercial positivo de US\$ 5 bilhões. A balança comercial fechou o ano com déficit de US\$ 1,3 bilhão.

André Corrêa 26.2.99



Fraga previu que investimentos diretos chegariam a US\$ 23 bilhões

André Corrêa 19.2.99



Juros básicos caíram para 19% ao ano, mas taxas são maiores nas lojas

JUROS

Com a mudança na política cambial, em janeiro do ano passado, economistas como o deputado Delfim Netto (PPB-SP) e o professor Lauro Vieira de Faria, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), afirmaram que o Banco Central teria um grande espaço para baixar, de forma bastante rápida, as taxas de juros. Chegaram a alardear uma taxa média de 18% no ano que passou. Na ponta pessimista, o economista do banco Santander, Dany Rappaport, aventou a possibilidade de o governo ser obrigado a aumentar os juros para 56% ao ano, se quisesse conter a especulação com o dólar. Não se viu uma coisa nem outra. Os juros caíram de forma lenta e fecharam o ano a 19%, mas com uma taxa média de 26,5%. Para os consumidores, pouca coisa mudou. Os bancos, as financeiras e as administradoras de cartões de crédito continuaram cobrarem taxas muito altas nas operações de empréstimos, em média de 9% ao mês.

Wanderlei Pozzembom 8.3.99

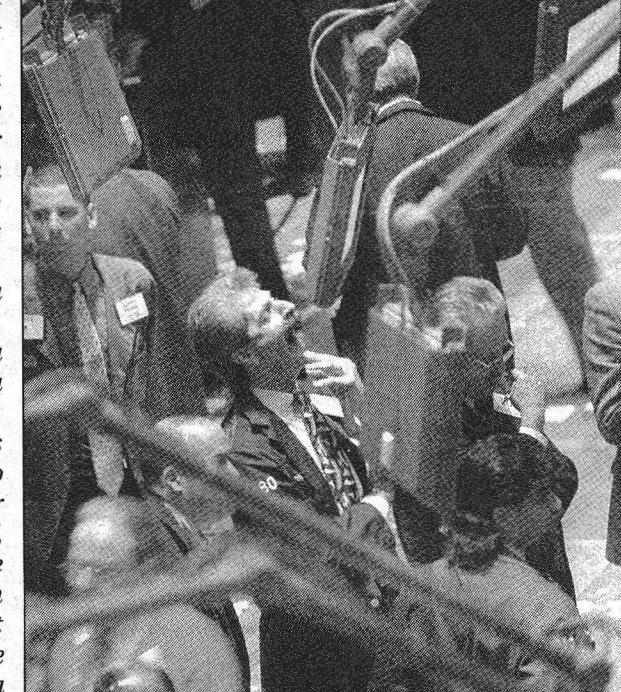


Gustavo Franco disse que a cotação do dólar ultrapassaria R\$ 3

BOLSA DE NOVA YORK

As previsões sobre o comportamento da economia mundial em 1999 destacavam que uma nova crise internacional poderia ser desencadeada por uma queda expressiva na Bolsa de Nova York. O próprio presidente do Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos, Alan Greenspan, chegou a advertir o mundo várias vezes sobre os riscos da sobrevalorização das ações em Wall Street. Outro que previu o recuo da bolsa novaiorquina foi o presidente da corretora londrina Smithers & Co., Andrew Smithers. "A Bolsa de Nova York vai cair. Os preços das ações das empresas estadunidenses estão muito acima do valor real e terão que ser rebaixados a níveis mais condizentes", afirmou Smithers, no fim de dezembro de 1998. Se os clientes de sua corretora seguiram seu conselho, perderam muito. Wall Street bateu todos os recordes de lucratividade e fechou o ano passado com alta acumulada de 24,74%.

Lynsey Addario/AFP 21.12.99



Bolsa de Nova York fechou o ano com ganhos de 24,74%

PRODUTO INTERNO BRUTO

As previsões para o comportamento da economia saíram de um otimismo exacerbado do governo — ao enviar para o Congresso, em agosto de 1998, uma estimativa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 4% no Orçamento de 1999 — para o desastre total depois da desvalorização do real, em janeiro. O economista do Lloyds Bank, Odair Abate, apostava em retração da economia entre 3% e 4%. O diretor-financeiro do BICBanco, Paulo Mallmann, falou em recessão brutal, com retração do PIB entre 6% e 7%. Maílson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e um dos donos da Consultoria Tendências, foi além e previu um comportamento negativo de 8%. Surpreendentemente, o PIB pode ter fechado 1999 com crescimento entre 0,5% e 1%, o que não é nada se for levado em conta a necessidade do país de crescer no mínimo 5% ao ano para absorver a grande massa de desempregados e os jovens que, anualmente, são jogados no mercado de trabalho.